



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



Desenhos de A. CASTAÑE

M

ANHAZINHA...

No alto da colina, o castelo, muito branco, olhando um grande lago cõr de rosa, com fiozinhos de prata...

Entre o arvoredo, um trovador cantava louvores ao sol, às águas e à terra... Não estava só; acompanhava-o um fiel servo, que com êle partira no mesmo

barco — um veleiro pequenino.

Sairam em busca de aventuras, apenas com a sua alegria, as suas trovãs e as saudades da sua terra.

Tinham ouvido falar duma famosa ilha, de árvores frondosas com pãmos doirados. Era a ilha da Fortuna, onde bastava estender a mão para colher-se um fruto de ouro.

Voltariam, depois, afortunados e felizes...

E, assim, tinham partido...

Na margem do lago cõr de rosa, descansava o barchinho dos dois aventureiros.

Era a hora em que o sol despertava e principiava a aquecer a terra.

O trovador cessou de cantar...

— Dize-me, bom Dionísio, nunca mais encontraremos essa famosa ilha da Fortuna?

— A que aventura nos metemos, meu senhor... Parece que não tem fim a jornada. Há quantas semanas vogamos, sem rumo em busca duma ilusão...

— Deixa, meu velho. Os nossos antepassados vogaram, também, sem destino e descobriram terras e fortunas...

— Hoje tudo está povoado e as ambições são maiores...

— Voltaremos ricos...

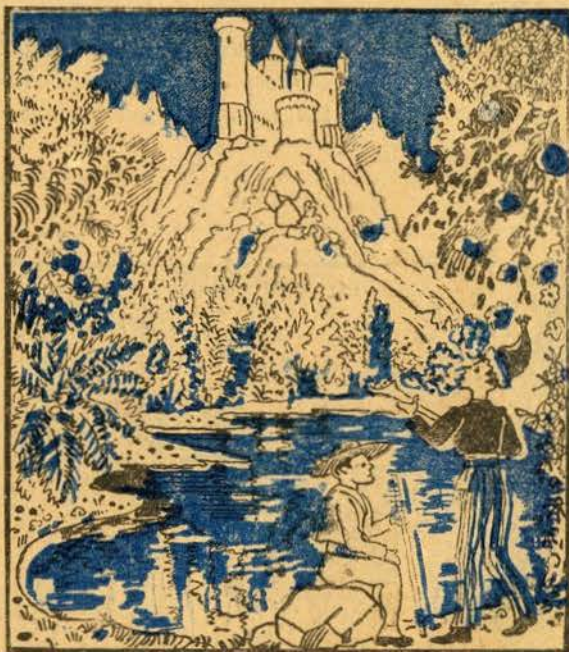
— Ou mais pobres, meu senhor.

E ambos ouviram mexer a folhagem... Escutaram na esperança de apanharem uma ave com que pudessem almoçar. E viram...

Viram por entre o arvoredo uma túnica branca esvoçar e prender-se num galho de onde pendia uma soberba bolinha doirada.

— Chegamos, emfim! — exclamou o trovador — Vê ali, Dionísio, um pãmo de ouro... Ah! Deus ouviu-nos.

Correram para lá, a-fim-de colherem o primeiro fruto sem se lembrarem, sequer, da túnica branca. E quando,



ceiros de contentamento, estendiam as mãos, de traz de um tronco, alguém, lhes disse:

— Tabu!

Suspenderam a respiração e reíriaram a ansia — a cobiça.

Surgiu-lhes um rosto lindo e uma clara mão puxou a túnica. Depois apareceu-lhes a figura duma jovem sorridente e calma.

— Que buscais?

Foi o trovador quem falou:



— Dizei-me, formosa pastorinha: é aqui a ilha da Fortuna?

— Quem sois e de onde vindes?

— Vimos de longe, de muito longe, de longada, em busca da sorte. Vem cá, linda pastorinha; senta-te aqui junto de mim; eu falar-te-ei do meu país, onde o sol e como nenhum outro e onde o céu é azul, mais azul do que os teus olhos. O meu país é, todo ele, o mais formoso jardim à beira-mar plantado.

Foi de lá que saíram as náus dos meus antepassados, que descobriram o novo mundo e o povoaram. Vem cá, minha pastorinha; eu contar-te-ei as histórias de quantas vezes esse lindo cantinho florido tem sido cobijado; dir-te-ei quantas vezes se falou dos amores dum rei; falar-te-ei duma rainha que foi boa e santa.

— E deixaste, assim, tão lindo país?

— Deixei. Mas fiz como o fizeram, noutro tempo, os grandes descobridores, com a vontade de voltar e cheio de gloria, de levar para lá as riquezas que ninguém descobriu ainda. Deixei-o, mas trago comigo as trovas da minha terra e na alma a saudade do meu lindo Portugal!

— Vieste só com esse escudeiro?

— Não tenho vassallos nem escudeiros — tenho um amigo que quiz acompanhar-me e o meu barquinho... Olha-o ali: tem a cor azul do céu, que me viu nascer e as velas parecem tecidas com os fios da lua, que nos sorri nas lindas noites da minha Pátria!

— Eu vim buscar-te. Cantavas há pouco uma melodia tão linda... E a tua voz, levada pelos brandos ventos desta ilha, chegou lá acima, àquele castelo de prata, no alto da montanha. Vem comigo e terás na tua mão a fortuna que há tanto tempo procuras. Como te chamas?

— Raül... e o meu amigo: Dionísio.

— Vinde. A minha senhora e rainha espera-vos.

Foram andando o caminho que conduzia ao Castelo. Parecia que a montanha se movia amenizando a longa caminhada.

Por todos os cantos enxergavam árvores carregadinhas de frutos tentadores e algumas havia em que as folhas tinham caído, mostrando, em toca a beleza, o ouro fino dos seus frutos.

Raül tentou-se novamente a colher outro fruto e a mesma figurinha, que junto deles caminhava, voltou a exclamar:

— Tabu!

— Porque me dizes isso sempre que pretendo colher um fruto?

— Pertencem-lhe...

— A quem?



— A ela... A rainha Tabu...

— Tabu?...

— Sim, Tabu. Quere dizer sagrado. A fortuna é sagrada quando em terra alheia. Só a rainha pode dispôr da ilha da Fortuna. Os outros, os que veem de longe, têm que ser seus escravos para poderem viver aqui...

— E a tua rainha é que é a Fortuna?

— E'. Quere ver-te. Diz que gostaria de ter, assim, um escravo que cantasse, alegrando a ilha e o castelo. Vais vê-la agora.

Chegaram ao famoso castelo da rainha Tabu e as portas, brilhando ao sol, abriram-se, imediatamente, dando passagem à pequena caravana.

A própria rainha veio recebê-los.

Caminharam por largo tempo em longos corredores dum metal acobreado e depois de subirem as escadas de mármore negro, que conduziam aos aposentos da rainha, pararam diante duma porta branca como a prata, com frisos azues.

— Vês? — disse a rainha — é a minha câmara de tesouros. Entrarás ali logo que sejas meu escravo e ali saciarás a tua vontade de poderio e riqueza. Mas nunca mais voltarás à tua terra.

— Deixá-la?! E para sempre?! Não! Isso nunca, majestade! A vassalagem acabou na minha terra e em parte alguma do mundo eu desceria a isso. Não houve rei algum na minha Pátria que se tornasse um covarde ante a fortuna. Conquistavam! Batalhavam e venciam! Partiram navegadores entregues ao seu Deus e às quinas de Portugal e descobriram! E na terra onde aportasse um português, era colocado o glorioso pavilhão das quinas, como um padrão a mostrar ao mundo que ali tinha chegado a alma de portugueses e os que vinham e passavam, descobriam-se e ajoelhavam ante a audácia e a coragem daqueles heróis!

— Mais eu sou a Fortuna...

— Pois fica-te em paz! Não te preciso nem voltarei a procurar-te. Antes viver na minha terra, para sempre a trabalhar sôb o sol e em liberdade, do que, fóra dela, escravizado a ti!

— Então, para que saíste de lá?

— Porque quiz conhecer-te. Vejo que pesas como um remorso e que só és linda na imaginação dos pobres. Adeus. Fica-te na tua solidão que eu voltarei às minhas trovas, cantadas à beirinha do mar!

— E Raül fugiu sem sequer voltar para trás os olhos escuros do seu rosto tisonado.

Chegaram à beira do lago e correram para a barquinha que baloiçava nas águas cor de rosa, com fiozinhos de prata.

(Conclui na pagina seguinte)





# O PINTARROXO e a víbora

POR

MANUEL JOAQUIM VALVENTOS Série B

Desenhos de ADOLFO CASTAÑE

**T**ODOS nós conhecemos o pintarroxo, o pequeno e destemido visitante que, nas manhãs de inverno, nos saltita sobre o peitoril da janela, à espera que lhe demos uns bocadinhos de pão.

Com o seu peito carmezim e os seus olhos brilhantes, inquisitoriais, goza o favoritismo de muita gente. A despeito, contudo, de todas as suas boas qualidades, é muito amigo de brincar. Ao ver um intruso em local que ele considera propriedade sua, põe-no logo fóra, no caso de isso lhe ser possível, e, se o inimigo é grande demais para lutar com ele vantajosamente, começa a incomodá-lo por tal forma, com os seus incessantes esforços, que este, por



fim, retira-se de muito boa vontade.

O pintarroxo não recua diante de coisa alguma quando se trata de defender os seus filhinhos.

E a prova está no que vou relatar-vos:

Um britador de pedra estava, certo dia de verão, trabalhando em certa pedreira, quando lhe soaram aos ouvidos os angustiosos gritos de uma ave. Encaminhando-se para o sítio donde saíam esses gritos, deparou com uma víbora de cerca de meio metro de comprimento a estender a cabeça por cima de um ninho de

pintarroxos, construído no meio dos tojos e dentro do qual estava a implume progénie do pobre pássaro. Este deixava-se cair, de quando em quando, sobre o expoliador, espicaçando-lhe a cabeça, e, em seguida, elevava-se a uma altura de meio metro, pouco mais ou menos. O cabouqueiro não se demorou em prostrar sem vida o cruel adversário, e o pintarroxo havendo entrado no ninho e verificado que todos os seus filhinhos estavam incólumes, saltou para um ramo, a pouca distância, e pôs-se a entoar um cântico de triunfo e de gratidão.

— Olha, Dionísio. Ali está o nosso «Portugal» — pequeno, sim! Mas é nosso! Vamos...

Quando, porém, Raúl ia a pôr o pé a bordo, escorregou e caiu à água. Dionísio tentava puxá-lo para cima, mas em vão.

Raúl deitou a mão a um arbusto à beira do lago e apanhou, sem querer, uma bola de ouro que por ali estava escondida. Estava quente como uma braza e Raúl largou-a, enquanto dizia:

— Tabu! Tabu!...

Nisto, Raúl despertou com a cara molhada... O travesseiro estava encharcado e o copo da água vazio e tombado sobre a mesa de cabeceira.

Levantou-se muito depressa e correu a abrir a janela... Sim! Era verdade; estava na sua casa! Lá estava a rua... as árvores do Altinho e lá, à esquina, o barbeiro... Ah! como era bom viver, assim: — Pobre, mas em sua própria casa...

F I M



# MARIAZINHA DA LUA

Por VIRGINIA MOTA CARDOSO  
Desenhos de A. CASTAÑE

A' minha pequenina amiga Maria Fernanda



—«Minha senhora, hoje, na minha casa, o gato apanhou um ratinho, muito pequenino, muito esperto, e andava a brincar com ele já meio morto, até que, por fim, com uma pancada mais forte, acabou por matá-lo. E eu tive tanta pena, tanta pena, que não consigo pensar noutra coisa. Pois que mal fazia o ratinho, minha senhora, para o gato, assim o matar?»

As outras meninas, ouvindo isto, riram-se cruelmente da piedade da Mariazinha, que elas consideravam uma pieguice.

No entanto, a professora mandou-as calar e admoestou a menina pela sua falta de atenção.

Mas, a partir desse dia, sempre que interrogava a Mariazinha, sem que ela soubesse a lição, dizia um pouco desabridamente:

—«A menina está sempre na lua!»

E foi desde então que a pequenina começou a ser conhecida pela Mariazinha da Lua. As suas companheiras de escola não a chamavam doutro modo.

Ora um dia a Mariazinha adoeceu. E durante todo o tempo em que esteve doentinha, deixava-se estar à janela, muito quieta e quasi sempre com a loira cabecinha reclinada, a olhar para o céu.

De quando em quando passava na rua uma criança zombeteira que lhe dizia: —«Estás á procura da lua, Mariazinha da Lua?»

A doentinha, magoada, não respondia, mas a sua mãe, que estava quasi sempre junto dela, abraçava-a longa e silenciosamente.

Um tarde, em que caía uma chuva miuda e persistente, a Mariazinha achou-se muito mal e percebeu que ia morrer. Ao pé dela a mãe chorava desesperadamente.

A menina, lembrando-se da troça que lhe faziam as suas companheiras, disse-lhe, apontando para a chuva que caía:

—«Só tu e Deus choram por mim, adeus, querida mãezinha.»  
Foram estas as ultimas palavras que a Mariazinha disse.

**E**RA uma vez uma menina de nove anos, muito linda, que se chamava Mariazinha.

Ora esta menina tinha perguntas e ditos que, frequentemente, embaraçavam a sua carinhosa mãezinha.

A sua inteligência, os seus grandes olhos serios faziam o espanto dos que a conheciam. E quando ela falava de coisas que não costumam, geralmente preocupar as crianças da sua idade, as pessoas que a escutavam, diziam:

«Esta menina não é deste mundo!»

No entanto, tinham o cuidado de falar baixinho, para que a mãe da Mariazinha se não afligisse.

Mas, apesar da sua inteligência, a menina não conseguia aprender as lições. Durante todo o tempo que passava na escola, mantinha-se muito sossegada, mas o seu espirito parava sempre muito longe dali.

E quando a professora a interrogava, a Mariazinha parecia acordar dum sonho e punha-se, então, muito vermelha e embaraçada.

«A menina não sabe? perguntava a mestra, enfurecida com a ignorância da aluna, num dia em que a Mariazinha parecia mais alheia do que nunca ás suas lições.

A pequenina baixou a cabeça para ocultar os lindos olhos azuis, brilhantes de lágrimas.

—«Em que estava, então, a pensar?» — continuou a professora cada vez mais zangada.

Mariazinha, então, levantou a cabeça e explicou:



Os seus doces olhos, azuis como a flor de miosótis, recenaram-se para sempre, e aquela alminha, pura e grande demais para o mundo, deixara de ser o motivo de zombarias das meninas da sua idade.

Logo que ela morreu, um anjo veio buscá-la para a conduzir junto de Deus.

O anjo voava mansamente e a Mariazinha, de olhos deslumbrados, via agora o céu mais azul do que quando o via da Terra.

Tinham já passado junto da Lua, mas a menina não a vira, porque o anjo a sustinha de costas para ela.

Subitamente, porém, o anjo avistou uma estrela muito brilhante com a qual costumava brincar e viu-a tornar-se mais viva, correr velozmente e, afinal, desaparecer por completo. Era uma estrela cadente. O anjo, na sua aflicção pela perda da estrela, estendeu as mãos para chegar onde a tinha visto tremeluzir pela ultima vez e largou a Mariazinha que veio deslizando pelo espaço até cair na Lua.

Quando a pequenina ali chegou, o seu espanto não teve limites, pois nunca tinha visto nada semelhante. Os montes, em vez de serem de terra, eram todos de ouro; os lagos continham opalas cheias de fulgurações; das fontes corriam brilhantes em vez de água e as árvores possuíam folhas de esmeraldas.

Passada, porém, a primeira surpresa, a Mariazinha lembrou-se da Terra e teve saudades, muitas saudades, sentindo-se invadir por uma grande tristeza. Escondeu a cabecinha nas mãos



I — Certo dia «Zé Mósca» sendo expulso da sua escola, atou ao punho um pano, e disse ao pai que havia aberto o pulso, razão porque, talvez, perdesse o ano.



II — Porém, desconfiando da «marosca», foi o papá falar à professora que, mostrando-lhe as notas do «Zé Mósca», conta a razão porque ele expulso fôra.



III — Chegando a casa ao ver o velhaquete, beijar-lhe a mão e dar-lhe as boas noites, após um tremendissimo ralhete, préga-lhe três fortissimos açoites.



IV — Então, vendo-o à chorar, chôro convulso, diz-lhe o pai — «Tira o pano, que amarraste, e ata-mo, agora, aqui, que abri o pulso, à força dos açoites que levaste?»





e começou a chorar. Quando, enfim, ergueu o pálido rosinho, viu que não estava só. Junto dela parava um menino tão formoso como ela se não lembrava de ter visto nenhum na Terra. Tinha uma expressão de tal doçura e majestade que os olhos, que uma vez o fitassem, só a muito custo dele se poderiam desviar.

— «Como vieste aqui parar?» — perguntou o menino.

— «Eu vivia na Terra, explicou a Mariazinha. Um dia, um anjo levou-me de lá, mas antes de chegarmos junto de Deus, deixou-me cair aqui».

— «Pois eu, disse o menino sou filho do rei da Lua e peço-te que me deixes levar-te para junto de meu pai».

A menina acedeu e o soberano recebeu-a festivamente. Ninguém a troçou como lhe acontecia na Terra, porque na Lua eram todos muito bondosos. O que aí mais a espantou foi observar que os habitantes da Lua não necessitavam nunca de se alimentar e que ela mesma deixára de sentir vontade de comer ou de beber.

Mas, apesar da bondade com que fora acolhida, a Mariazinha, ao fim de três dias de estar na Lua, cansada já das suas maravilhas, chorava sempre que se encontrava no seu quarto.

Todas as noites assomava ao seu balcão de prata rendilhada, olhava para a Terra que via rolar no céu cheio de estrelas e dizia a chorar:

«Mariazinha da Lua,  
Se tu pudesses voltar  
A' Terra fresca e florida,  
Ninguém te vira chorar!»

Uma noite, em que ela assim se lamentava, foi surpreendida pelo príncipe. Este foi logo contar ao rei o que vira. No dia seguinte a menina foi interrogada bondosamente pelo rei.

— «Porque choras tu todas as noites, Mariazinha da Lua?» — perguntou êle.

A menina, então, disse-lhe tristemente:

— «Porque me lembro da minha mãizinha, real senhor! Que triste ela deve estar sózinha naquela casa onde tantas vezes me beijou e se afligiu com a minha tristeza! Deixai-me voltar para a Terra, senhor!»

— «E' impossível o que me pedes, minha filha, respondeu o rei. Só Deus o poderia fazer. No entanto, prometo-te que verás a tua mãe, quasi todas as noites».

Dizendo isto, o rei bateu com o ceptro dourado na cabeçinha loira da menina que logo se transformou num raiozinho de luar.

Assim ponde a Mariazinha entrar na sua casa, onde conseguiu distrair a mãe com o brilho do raio de luar em que se tinha tornado.

Vendo a luz azulada, a mãe da menina lembrou-se dos olhos azuis da Mariazinha e sorriu-se docemente.

Assim que começou a despontar a madrugada, o raiozinho de luar voltou para a Lua, tomando novamente a forma da Mariazinha.

Passados anos, a menina casou com o príncipe que muito lhe queria, mas, apesar da sua felicidade, nunca se esquece de vir quasi todas as noites, sob a forma dum bonito raio de luar, trazer um pouco de alegria á sua mãe que nunca conseguira esquecê-la.

■ F I M ■

CONTO HIEROGLIFICO ■ ■





# AVISO PARA OS MENINOS COLORIREM

Havendo sido suspensos, temporariamente, os nossos concursos literários, avisamos os leitores, que têm continuado a enviar-nos produções, de que estas ficarão reservadas ao primeiro concurso da segunda série a realizar-se em Outubro ou Novembro do ano corrente.

## ADIVINHA



**MEUS MENINOS:** Esta arara está perto dum vitelo, de dois chimpanzés e duma cabra. Vejam os meninos se dão com eles.

### Solução das anteriores:

- 1 — Salva.
- 2 — Mortalha.
- 3 — Liga.



## PALAVRAS CRUZADAS Qual a cousa qual é ela?...

Solução do problema anterior

### BARCO

*Horizontais* — 1 naire; 6 amena; 11 ouvir; 16 mar; 19 iates; 24 arame; 29 uvas; 33 alma.

*Verticais* — 1 nó; 2 au; 2 eva; 4 rir; 5 ara; 6 aia; 7 vas; 8 et; 10 ás 16 mel; 17 a; 18 rua; 27 má; 30 V; 35 m.

### VELA

*Horizontais* — 1 asa; 4 orar; 8 sola; 12 l; 18 rã; 15 orlar; 20 au; 22 m; 23: Mana 27 ar.

*Verticais* — 1 aro; 2 sal; 3 Arara; 4 Oslo; 14 arma; 16 rama; 17 luar; 25 n.

### I

Tirada a prova real  
Sou um erro praticado;  
Sou doméstico animal;  
Sou gancho em prato rachado.

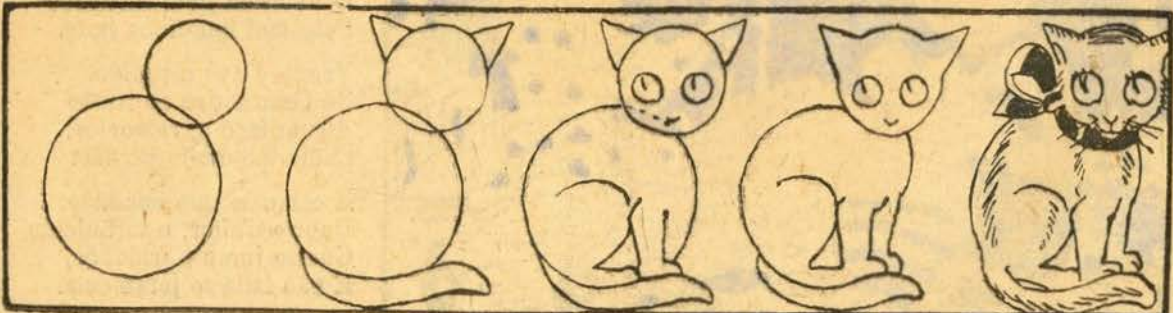
### II

Sou acção bastante feia  
que entre credores só medra;  
Sou doméstico animal  
e, se matam, sou pedra.

### III

Sou quadrúpede, porém,  
escrito no masculino;  
bicho marinho, também,  
e peixe no feminino.

## LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um gatinho



# A CASCATA DO ZÉ GASPAR

POR CARLOS CARVALHO

Série C

COM seis anos mais ou menos,  
Tem o primeiro lugar  
Entre os mais lindos pequenos,  
O galante Zé Gaspar.

Cobrem-lhe as fontes, ufanas,  
Madeixas de caracois,  
Por entre longas pestanas,  
Brilham seus olhos, dois sóis.

E um encanto a boquita:  
E a voz musical, suave,  
Duma doçura infinita,  
Lembra meigo trilo d'ave.

Tem três irmãos e uma irmã,  
Todos ainda novinhos;  
Ela gentil e louçã,  
Eles vivos demoninhos.

Que viu muitos jacarés  
Conta o Zé, com ufanía;  
E, até, com um, morto aos pés,  
Tem uma fotografia.

Pois o nosso Zé Gaspar  
Num bom vapor viajou;  
Já esteve no Ultramar,  
Três anos ali passou.

Foi lá que o pobre rapaz  
Perdeu o pai carinhoso,  
Militar valente, audaz,  
Inteligente, bondoso.

Dos mais novos nenhum sente,  
A situação em que está;  
Preguntam, constantemente,  
Quando chega o seu papá.



Cheios de mimos, d'afectos,  
Não dão por seu mal atroz;  
Porque reveêm nos netos  
O filho morto, os avós.

Basta de divagações,  
E vamos no assunto entrar,  
Contar algumas acções  
Do nosso herói Zé Gaspar.

No tempo das festarolas,  
Isto só lembra ao demónio,  
Com algumas bandeirolas  
Festejou o Santo António.

Num recanto do quintal,  
Duma gaiola de grilo,  
Fez soberba catedral  
Do mais requintado estilo.

No alto duas sinetas,  
Dois santos de barro em nichos,  
E no chão sete grisetas  
Onde pastam alguns bichos.

Ele e a irmã, num ardor,  
Com musgo, pedras e lata,  
Com vários papeis de côr,  
Puzeram pronta a cascata.

Tem bom coração, coitado,  
O Estêvam: mas já deu sorte  
Por não os ter ajudado,  
E jurou à festa morte.

Montado numa vassoira,  
Com um cacete na mão,  
Fez uma tal varredoira  
Que atirou com tudo ao chão.

Zé Gaspar, quando tal viu,  
A chorar fugiu tristonho;  
Foi p'rá cama, mal dormiu,  
Viu tudo negro, num sonho.

Acabou pronto o flagelo,  
Porque da noite p'ró dia,  
O avô e seu tio Nelo  
Repararam a avaria

Houve, na festa d'arromba,  
Fôgo chinês a fartar;  
De quando em quando uma bomba  
E bichas de rabiár.

Triste, sózinho, a um lado,  
Ficou, com dôr e despeito,  
O Estêvam bem castigado  
Pelo mal que tinha feito.

Vendo o avô distraído,  
Zé Gaspar deu ao irmão  
Algum fogo e, comovido,  
Pedi-lhe muito perdão.

E como só tem bondade,  
Dentro d'alma, o turbulento,  
Guerra jurou à maldade,  
E não falta ao juramento.



■■■ FIM ■■■